

Excerto do discurso de Hadi Benotto a anunciar as descobertas em Dar-es-Balat, no planeta Rakis:

Além de ter, esta manhã, o prazer de anunciar a descoberta deste depósito maravilhoso o qual contém, entre outras coisas, uma coleção monumental de manuscritos registados em papel de cristal riduliano, é também um orgulho poder apresentar os nossos argumentos quanto à autenticidade destas descobertas e dizer-vos o que nos leva a crer termos descoberto os diários originais de Leto II, o Imperador Deus.

Em primeiro lugar, permitam-me que recorde aqui o tesouro histórico que todos conhecemos pelo nome de *Os Diários Roubados*, esses volumes de conhecida antiguidade que, ao longo dos séculos, tão valiosos têm sido para nos ajudar a compreender os nossos antepassados. Como todos sabem, *Os Diários Roubados* foram decifrados pela Guilda do Espaço, e o método da Chave da Guilda foi o utilizado para traduzir também estes volumes recentemente descobertos. Ninguém põe em causa a antiguidade da Chave da Guilda, sendo que esta, *e unicamente esta*, traduz estes volumes.

Em segundo lugar, estes volumes foram impressos por um dictatel ixiano de fabrico verdadeiramente antigo. E *Os Diários Roubados* não deixam margem para dúvidas; este era, de facto, o método utilizado por Leto II para registar as suas observações históricas.

Em terceiro lugar — e estamos convictos de que isto é equivalente, em termos de importância, à descoberta do depósito propriamente dito —, o repositório destes *diários* é, indubitavelmente, um artefacto ixiano de construção tão primitiva e, apesar disso, tão assombrosa, que com toda a certeza lançará nova luz sobre a época histórica conhecida como «A Dispersão». Tal como seria de esperar, o depósito era invisível. Estava enterrado a uma profundidade muito superior ao que o mito e a História Oral nos teriam feito crer, enquanto emitia e absorvia radiação de modo a simular as características naturais do seu meio ambiente, um

mimetismo mecânico que, em si mesmo, não é surpreendente. O que surpreende os nossos engenheiros, contudo, é como isto foi alcançado apenas com competências mecânicas muito rudimentares e verdadeiramente primitivas.

Vejo que alguns de vós estão tão empolgados como nós com tudo isto. Acreditamos estar perante o primeiro Globo Ixiano, o não-espaco a partir do qual evoluíram todos os aparelhos do género. Se não é literalmente o primeiro, estamos convictos de que será *um* dos primeiros, incorporando os mesmos princípios que o primeiro.

Permitam-me que satisfaça a vossa curiosidade evidente, com a garantia de que dentro em pouco vos conduziremos numa breve visita ao depósito. Pedimos apenas que se mantenha o silêncio no interior, pois os nossos engenheiros e outros especialistas estão ainda a trabalhar para desvendar os seus mistérios.

O que me traz ao quarto ponto, e este pode bem ser a coroa de glória das nossas descobertas. É com emoções difíceis de descrever que vos revelo agora outra descoberta feita neste local — mais precisamente, gravações orais reais, identificadas como tendo sido feitas por Leto II na voz do seu pai, Paul Muad'Dib. Uma vez que existem gravações autenticadas do Imperador Deus nos Arquivos das Bene Gesserit, enviámos uma amostra das nossas gravações — as quais foram todas feitas num antigo sistema de microbolha — para a Irmandade, com um pedido formal para que seja efetuado um teste comparativo. Temos poucas dúvidas de que as gravações serão autenticadas.

Peço agora a vossa atenção para os excertos traduzidos que vos foram distribuídos à entrada. Aproveito a oportunidade para pedir desculpa pelo peso dos mesmos. Ouvi alguns de vós a fazerem piadas a esse respeito. Usámos papel comum por uma razão prática: economia. Os volumes originais estão inscritos em símbolos tão pequenos que teriam de ser ampliados de forma substancial para que fosse possível lê-los. Na verdade, seriam necessários mais de quarenta volumes comuns, como aquele que têm neste momento nas mãos, para transcrever o conteúdo de apenas um dos originais em cristal riduliano.

Se o projetor já estiver... sim. Estamos agora a projetar no ecrã à vossa esquerda parte de uma das páginas originais. Trata-se de um excerto da primeira página do primeiro volume. Podem ver a nossa tradução nos ecrãs à direita. Chamo a vossa atenção para os indícios internos, a vaidade poética das palavras, bem como o significado derivado da tradução. O estilo transmite uma personalidade que é identificável e consistente. Acreditamos que só podia ter sido escrito por alguém com

experiência direta de acesso a memórias ancestrais, por alguém com o objetivo de partilhar essa extraordinária experiência de vidas anteriores de uma forma passível de ser compreendida por aqueles que não possuem o mesmo dom.

Vejamos agora o conteúdo propriamente dito. Todas as referências estão de acordo com tudo o que a história nos diz sobre a pessoa que cremos ser a única que poderia ter redigido este relato.

Temos agora mais uma surpresa. Tomei a liberdade de convidar o conhecido poeta Rebeth Vreeb para partilhar o palco connosco esta manhã e ler um breve trecho da tradução desta primeira página. Segundo a nossa observação, mesmo traduzidas, estas palavras revestem-se de um caráter diferente quando são lidas em voz alta. Queremos partilhar convosco a qualidade verdadeiramente extraordinária que descobrimos nestes escritos.

Senhoras e senhores, por favor deem as boas-vindas a Rebeth Vreeb.

Da leitura de Rebeth Vreeb:

Garanto-vos que sou o livro do destino.

As perguntas são inimigos. Pois as minhas perguntas explodem! As respostas erguem-se abruptamente, como um bando de aves assustadas, obscurecendo o céu das minhas memórias inelutáveis. Nenhuma resposta, nem uma, é suficiente.

Que prismas cintilam quando entro no campo terrível do meu passado. Sou uma lasca de pederneira encerrada numa caixa. A caixa gira e abana. Sou projetado de um lado para o outro, numa tempestade de mistérios. E quando a caixa se abre, regresso a esta presença como um forasteiro numa terra primitiva.

Lentamente (lentamente, digo eu) reaprendo o meu nome.

Mas tal não é conhecer-me a mim próprio!

Esta pessoa com o meu nome, este Leto, o segundo a assim ser apelidado, encontra outras vozes na sua mente, outros nomes e outros lugares. Oh, prometo-vos (como me foi prometido) que respondo apenas a um único nome. Se me disserem «Leto», responderei. A resignação assim o dita, resignação e algo mais:

Eu seguro os fios!

Todos eles são meus. Basta-me imaginar um tópico — por exemplo... *homens que morreram pela espada* — e tenho-os a todos, em todo o sangue que derramaram, cada imagem intacta, cada gemido, cada esgar.

Alegrias da maternidade, penso, e são meus os leitos de parto. Uma sucessão de sorrisos de bebé e os doces gorjeios de novas gerações. Os primeiros passos das crianças e as primeiras vitórias dos jovens, ao meu dispor para os partilhar. Estas coisas embrulham-se umas nas outras até eu ver pouco mais do que uniformidade e repetição.

«Guarda tudo intacto», previno-me a mim mesmo.

Quem pode negar o valor de tais experiências, o mérito de aprender através daquilo que vejo a cada novo instante?

Ah, mas é passado.

Não compreendem?

É apenas o passado!

Esta manhã nasci num *yurt*, na orla de uma planície de cavalos, numa terra de um planeta que já não existe. Amanhã nascerei outra pessoa, noutro lado qualquer. Ainda não escolhi. Esta manhã, porém — ah, esta vida! Quando os meus olhos aprenderam a focar, olhei para o sol sobre a erva espezinhada e vi pessoas vigorosas a tratarem das doces atividades das suas vidas. Onde... oh, para onde foi todo esse vigor?

— Os Diários Roubados

As três pessoas que corriam para norte por entre as sombras do luar na Floresta Proibida estavam dispersas ao longo de quase meio quilómetro. O último corredor da fila ia menos de cem metros à frente dos lobos-D que os perseguiam. Ouviam-se os ganidos e resfôlegos dos animais, na sua avidez, como costumam fazer quando têm a presa à vista.

Com a Primeira Lua quase diretamente sobre eles, a floresta estava bastante iluminada e, embora se encontrassem nas latitudes mais elevadas de Arrakis, ainda se sentia o calor depois de um dia quente de verão. O ar noturno proveniente do Último Deserto do Sareer trazia consigo cheiros de resina e as emanções húmidas da manta morta sob os seus pés. De quando em vez, uma brisa do Mar de Kynes, para lá do Sareer, cruzava o caminho dos corredores, com vagos odores de sal e peixe.

Por um capricho do destino, o último corredor chamava-se Ulot, que na língua Fremen significa «Querido Retardatário». Ulot era de estatura baixa e com tendência para engordar, o que colocara sobre ele o fardo extra da dieta, na preparação para aquela aventura. Mesmo depois de ter emagrecido para a corrida desesperada, mantinha o rosto redondo, os olhos castanhos grandes e vulneráveis naquela sugestão de gordura excessiva.

Para Ulot, era evidente que não conseguiria correr muito mais. Ofegava e arquejava. De vez em quando, cambaleava. Mas não chamou pelos companheiros. Sabia que não podiam ajudá-lo. Todos haviam feito o mesmo juramento, cientes de que não possuíam qualquer defesa exceto as antigas virtudes e lealdades dos Fremen. E continuava a ser

verdade, apesar de tudo o que em tempos fora Fremen se revestir agora de uma aura de antiguidade — como recitais memorizados aprendidos com os Fremen de Museu.

Foi a lealdade Fremen que levou Ulot a manter o silêncio, embora plenamente consciente do seu destino fatídico. Uma excelente demonstração das antigas qualidades, e bastante patética quando todo o conhecimento que os corredores tinham sobre as virtudes que assim imitavam viera dos livros e das lendas da História Oral.

Os lobos-D corriam na peugada de Ulot, figuras cinzentas e gigantes, as espáduas quase da altura de um homem. Saltavam e ganiam, na sua avidez, de cabeças erguidas, olhos focados na silhueta da presa, traída pelo luar.

Ulot prendeu o pé esquerdo numa raiz e quase caiu. Isto trouxe-lhe uma energia renovada. Acelerou o passo e ganhou talvez um comprimento de lobo aos seus perseguidores. Os seus braços subiam e desciam ao lado do corpo. Respirava ruidosamente, com a boca aberta.

Os lobos-D não alteraram a sua passada. Eram sombras prateadas que progrediam quase silenciosamente através dos aromas verdes e intensos da sua floresta. Sabiam que tinham vencido. Era uma experiência familiar.

Uma vez mais, Ulot tropeçou. Apoiou-se numa árvore jovem para recuperar o equilíbrio e continuou a sua fuga ofegante, de respiração acelerada, com as pernas a tremer, revoltadas contra estas exigências. Não lhe restava energia para voltar a acelerar.

Um dos lobos-D, uma grande fêmea, aproximou-se de Ulot pelo flanco esquerdo. Guinou para dentro e, de um salto, atravessou-se no seu caminho. As presas gigantes rasgaram o ombro de Ulot e fizeram-no cambalear, mas não tombou. O cheiro pungente do sangue juntou-se aos odores da floresta. Um macho mais pequeno apanhou-o pela anca direita e Ulot caiu por fim, com um grito. A alcateia saltou sobre ele e os seus gritos cessaram com abruptamente.

Sem parar para comer, os lobos-D retomaram a caça. Os seus focinhos sondaram o solo da floresta e os redemoinhos errantes no ar, farejando o rasto quente de mais dois humanos em corrida.

O corredor seguinte chamava-se Kwuteg, um nome antigo e venerável em Arrakis, um nome dos tempos de Duna. Um antepassado seu servira em Sietch Tabr como Mestre das Destilarias Mortuárias, mas isso fora há mais de três mil anos e perdera-se num passado no qual muitos já não acreditavam. Kwuteg corria com as passadas largas de um corpo alto e esguio que parecia perfeitamente adequado a tais es-

forços. O cabelo preto e comprido esvoaçava, deixando ver as feições aquilinas. Tal como os seus companheiros, envergava um fato de corrida preto, de malha de algodão apertada, que revelava os movimentos das nádegas e das coxas rijas, o ritmo constante da sua respiração profunda. Só a velocidade da corrida, que era assinalavelmente reduzida para o ritmo habitual de Kwuteg, traía o facto de ter magoado o joelho direito ao descer os precipícios de construção humana que contornavam a fortaleza da Cidadela do Imperador Deus no Sareer.

Kwuteg ouviu os gritos de Ulot, o silêncio abrupto e potente, e depois os renovados ganidos da perseguição dos lobos-D. Tentou não permitir que a mente criasse a imagem de outro amigo a ser chacinado pelos guardiões monstruosos de Leto, mas a imaginação exerceu sobre ele a sua feitiçaria. Kwuteg pensou numa maldição contra o tirano, mas não desperdiçou fôlego a pronunciá-la em voz alta. Havia ainda uma possibilidade de conseguir chegar ao santuário do Rio Idaho. Kwuteg sabia o que os amigos pensavam dele — até mesmo Siona. Sempre fora conhecido como um conservador. Mesmo em criança, costumava poupar a energia até a poder aproveitar ao máximo, repartindo cuidadosamente as suas reservas como um avarento.

Apesar do joelho magoado, Kwuteg acelerou o passo. Sabia que o rio estava perto. A lesão ultrapassava já a agonia e era como uma chama constante que lhe queimava a perna toda e o lado do corpo. Conhecia os limites da sua resistência. Sabia também que Siona estaria quase a chegar à água. Era a corredora mais veloz entre eles e levava consigo o pacote selado e, nele, aquilo que tinham furtado da fortaleza no Sareer. Kwuteg concentrou os pensamentos nesse embrulho enquanto corria.

Salva-o, Siona! Usa-o para o destruir!

Os ganidos ávidos dos lobos-D penetraram na consciência de Kwuteg. Estavam demasiado perto. Sabia que não escaparia.

Mas Siona tem de se salvar!

Arriscou um olhar para trás e viu um dos lobos avançar para o flanquear. Apercebeu-se do padrão do plano de ataque dos animais. Quando o lobo ao seu lado saltou, Kwuteg saltou também. Pôs uma árvore entre si e a alcateia, curvou-se por baixo do lobo em salto, agarrou numa das patas de trás da criatura com ambas as mãos e, sem se deter, girou o lobo cativo como um malho, para dispersar os restantes. Ao perceber que a criatura não era tão pesada como esperava, e quase grato pela mudança de ação, brandiu o seu bastão vivo contra os atacantes, numa pirueta frenética que deitou por terra dois deles, numa colisão de crânios. Mas

não podia proteger-se de todos os lados. Um macho esguio apanhou-o por trás, arremessou-o contra uma árvore e ele perdeu a arma.

— Corre! — gritou.

A alcateia lançou-se sobre ele e Kwuteg prendeu a garganta do macho esguio com os dentes. Mordeu com todas as gramas de força do seu derradeiro desespero. Sangue de lobo esguichou-lhe para o rosto, cegando-o. A rebolar, sem qualquer noção de direção, Kwuteg agarrou-se a outro lobo. Parte da alcateia dissolveu-se num bando desorientado, entre ganidos, alguns virando-se contra os seus próprios feridos. Contudo, a maior parte da alcateia permaneceu atenta à presa. Dentes rasgaram a garganta de Kwuteg de ambos os lados.

Siona ouvira também os gritos de Ulot e depois o silêncio inconfundível, seguido pelos ganidos da alcateia quando os lobos retomaram a perseguição. Foi tal a fúria que a invadiu que julgou que explodiria. Ulot fora incluído nesta aventura pela sua mente analítica, a capacidade de ver o todo a partir de apenas algumas partes. Fora Ulot que, tirando do estojo a inevitável lupa, examinara os dois estranhos volumes que haviam encontrado com os planos da Cidadela.

— Acho que é uma cifra — dissera Ulot.

E Radi, o pobre Radi, que fora o primeiro da equipa a morrer... Radi dissera:

— Não podemos dar-nos ao luxo de carregar esse peso extra. Deita-os fora.

Ulot opusera-se:

— Ninguém esconde desta maneira coisas sem importância.

Kwuteg aliara-se a Radi.

— Viemos pelos planos da Cidadela e já os temos. Essas coisas são demasiado pesadas.

Mas Siona concordara com Ulot.

— Eu levo-os.

E assim pusera fim à discussão.

Pobre Ulot.

Todos sabiam que ele era o pior corredor da equipa. Ulot era lento na maior parte das coisas, mas a clareza da sua mente era inegável.

É fiável.

Ulot *fora* fiável.

Siona controlou a raiva e usou essa energia para acelerar a passada. As árvores passavam por ela velozmente sob o luar. Penetrara naquele vazio intemporal da corrida, em que nada mais existia além dos seus próprios movimentos, do corpo a fazer aquilo que fora condicionado para fazer.